



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 21 - dezembro de 2018

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2018i21p265-277>

A presença da narrativa na instalação *Ten Characters* de Ilya Kabakov

**The presence of the narrative in the *Ten Characters* installation by Ilya
Kabakov**

Viviane Baschiroto*

RESUMO

O texto estabelece relações entre a instalação *Ten Characters*, do artista Ilya Kabakov (1933-) e o conceito de narrador pensado por Walter Benjamin. Reflete sobre quais elementos envolvem a narrativa na obra de Ilya Kabakov, abordando o trabalho sob aspectos que perpassam a experiência de si e do outro, que é muitas vezes a fonte do narrador. Discute também sobre o recurso da narrativa na criação dos personagens do artista.

PALAVRAS-CHAVE: Narrador; Arte contemporânea; Ilya Kabakov; Walter Benjamin

ABSTRACT

The text establishes relations between the installation *Ten Characters*, by the artist Ilya Kabakov (1933-) and the concept narrator proposed by Walter Benjamin. It reflects about which elements involve the narrative in Kabakov's work, by approaching aspects of his creation which extend across the experience of oneself and the other and which is often the source of the narrator. It also discusses the strategy of resorting to narrative, used by the artist, in the creation of his characters.

KEYWORDS: Narrator; Contemporary art; Ilya Kabakov; Walter Benjamin

A vida na Rússia é uma experiência de privação e meu trabalho é sobre a alma humana presa em circunstâncias desagradáveis [...]. É claro, cada alma do mundo está em estado de tragédia, e é por isso que meu trabalho é compreendido em toda parte.¹ (KABAKOV, 1995).

Ilya Kabakov (1933-) é um artista de origem ucraniana da época em que a Ucrânia fazia parte da União Soviética. Viveu por 30 anos em Moscou e depois imigrou para os Estados Unidos, onde reside atualmente. A partir de 1989, Ilya Kabakov passou a assinar suas obras em colaboração com sua esposa Emília. Todavia, neste artigo, trataremos apenas da autoria de Ilya Kabakov para a instalação *Ten Characters*, pois ela data de 1988 e, no convite da exposição, bem como no catálogo, há apenas seu nome.

Ten Characters é uma instalação que consiste em um ambiente onde se encontram dez quartos (Figura 1) e, em cada um deles, há a história e os vestígios de um personagem distinto. Apresentada em 1988 pela primeira vez na Galeria Ronald Feldman Fine Arts em Nova York, é como se um andar de um prédio comunitário no contexto da União Soviética fosse colocado à disposição do visitante. Os quartos também já foram apresentados em exposições do artista de forma individual. *Ten Characters* é também o nome de um álbum que o artista produziu entre os anos 1971 e 1976 que contava a história de dez artistas que viviam à margem da sociedade.

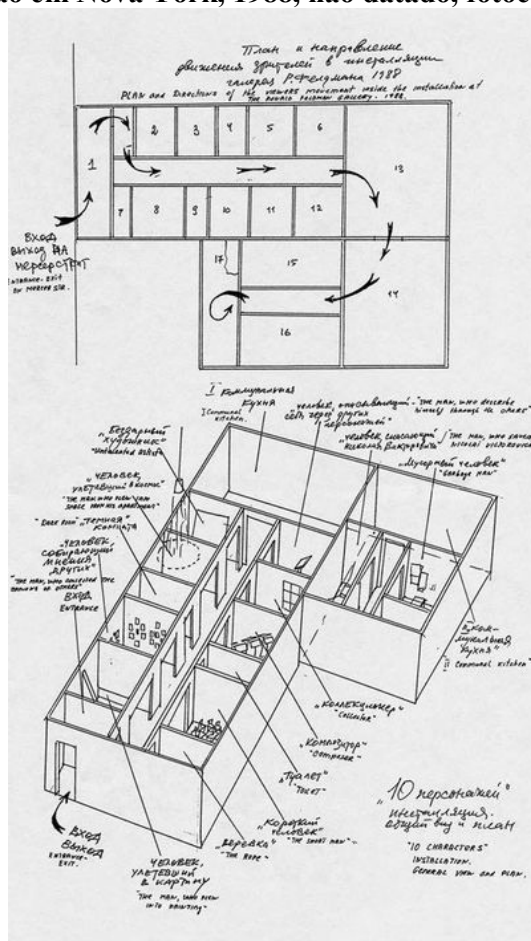
Na instalação *Ten Characters*, ao lado de cada porta dos quartos, há sempre um texto contando a história do personagem que habitou aquele ambiente. Kabakov narra dez histórias, a saber: *The man who flew into his Picture* (O homem que voou para dentro de seu quadro), *The man who collects the opinions of others* (O homem que colecionava a opinião dos outros), *The man who flew into space from his apartment* (O homem que se ejetou de seu apartamento para o espaço), *The untalented artist* (O artista sem talento), *The short man* (O homem baixo), *The composer who combined music with things and image* (O compositor que combinava música com coisas e imagens), *The collector* (O colecionador), *The person who describes his life through characters* (A pessoa que descrevia sua vida através de personagens), *The man who saves Nikolai*

* Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC; Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Florianópolis - SC - Brasil - baschirottoviviane@gmail.com. Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação – PROMOP.

¹ “Life in Russia is an experience of deprivation and my work is about the human soul trapped in unpleasant circumstances [...]. Of course, every soul in the world is in a state of tragedy, and that's why my work is understood everywhere.” Todas as traduções com o original como nota de rodapé são nossas.

Viktorovich (O homem que salvou Nikolai Viktorovich), *The man who never threw anything away* (O homem que não jogava nada fora)².

Figura 1 – Ilya Kabakov. Esboço plano de chão e esboço perspectiva com seção para a exposição em Nova York, 1988, não datado, fotocópia, 43,2 x 28 cm.



Fonte: Fine Art Biblio³

Todos esses personagens vivem em um apartamento comunitário no contexto da União Soviética. O artista, em seu texto *What is a communal apartment?* (O que é um apartamento comunitário?), afirma que, depois da revolução no início do século XX, havia um problema de habitação nas grandes cidades da União Soviética. Não havia casas suficientes e os novos e antigos moradores se mudaram para as casas dos burgueses protegidos do governo anterior por ordem especial do novo governo proletário. Kabakov afirma que os apartamentos foram divididos entre diversas famílias, cada uma com direito a um cômodo privado e áreas comuns como a cozinha e o

² Tradução nossa.

³ <https://fineartbiblio.com/artworks/ilya-kabakov/724/ten-characters>

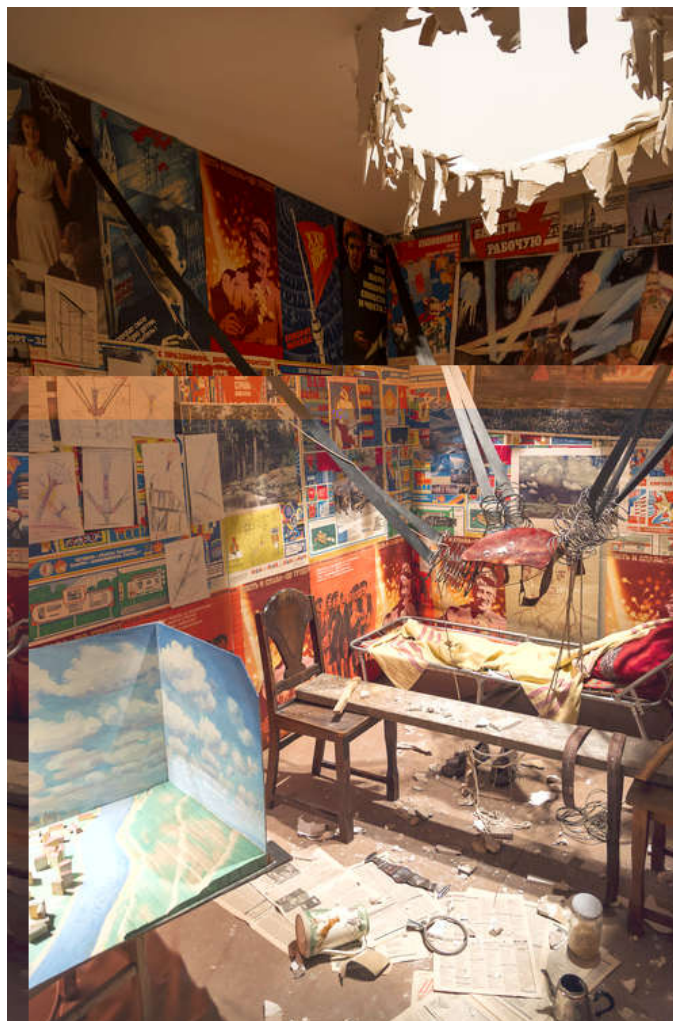
corredor. Esse habitat foi brutalmente modificado e as famílias passaram a conviver em pequenos espaços de dez a 12 metros quadrados.

1 A narrativa e a experiência em *The man who flew into space from his apartment*

Um dos quartos de *Ten Characters*, *The man who flew into space from his apartment*, apresenta a história de um homem que supostamente se catapultou de seu apartamento para o espaço. Em seu quarto, encontramos um buraco no teto, sua catapulta e uma espécie de maquete do bairro onde vive. Ele calculou que chegaria a 40 metros da Terra, chegando no espaço e alcançando uma outra dimensão. Em seu quarto, há muitos pôsteres sobre a temática do espaço que permeiam o contexto da corrida espacial que se deu entre Rússia e Estados Unidos no fim do século passado. Borys Groys escreveu o livro *Ilya Kabakov: The man who flew into space from his apartment*, no qual analisa demoradamente somente esse fragmento de *Ten Characters*. Groys (2006, p. 4), afirma que o experimento parece ter sido um sucesso, já que não vemos o corpo do homem no cômodo e que as viagens espaciais eram uma forma de sonho coletivo para atingir um êxtase. O voo para o cosmos seria essa chance individual e coletiva da experiência do êxtase. Depois que o cosmonauta estivesse orbitando a terra, ele saberia que encarnava o sonho coletivo.

Do lado de dentro na Figura 2, o ambiente é bem iluminado, para que o visitante possa ver todos os detalhes que compõem essa ida ao espaço. Os visitantes não podem entrar no quarto, sendo apenas possível observar a instalação por uma fresta de madeira, como pode ser visto na Figura 3. Do lado de fora, o ambiente é escuro, pouco iluminado, há casacos pendurados deixados ali, talvez pelo morador ou também pela polícia que foi acionada para a resolução do caso. Ainda é possível ler, colado ao lado da parede, o relato de alguns vizinhos, no qual Nikolaev afirma que o homem que se ejetou era quieto, não falava com os vizinhos e não usava a cozinha, que ficava em frente ao seu quarto. Ainda no texto, é detalhado o seu planejamento, pois o homem que se ejetou queria sair da Terra para ir para o lugar a que pertencia. Ele imaginou que o Universo era permeado por enormes folhas de energia, as quais ele chamava de pétalas. Acreditava que essas pétalas teriam um exato momento de intersecção com o plano de movimento das galáxias, estrelas e planetas, e que ele poderia pular para a órbita da Terra por meio de uma pétala se soubesse o momento exato. Ele calculou esse momento e fez esse projeto para se transferir para essa pétala.

Figura 2 – Ilya Kabakov. Ten Characters. The man who flew into space from his apartment. 1988. Instalação.



Fonte: KABAKOV, 1989, p. 60

Groys (2006, p. 9) sugere que esse espaço para onde o homem se lançou não era um espaço vazio, mas, sim, um cosmos, que, na origem grega da palavra, sugere um lugar além da Terra, não espiritual, mas material. O autor ainda lembra que, na Rússia do final do século XIX ao começo do século XX, houve um interesse explícito pelo cosmos como tópico de filosofia e arte, com uma noção de cosmos onde os corpos poderiam ser imortais, encontrando uma nova casa. Talvez seja essa busca que o personagem que se ejeta faz, essa busca de um novo lugar, uma nova casa para habitar, onde se sentisse confortável, como o próprio texto de Kabakov afirma.

Figura 3. Ilya Kabakov. Ten Characters. The man who flew into space from his apartment. 1988. Instalação.



Fonte: arquivo pessoal

O relato do vizinho Startseva é mais curto e afirma que escutou uma grande explosão enquanto dormia e sentiu um cheiro de queimado. Já Golosov afirma que um carro da polícia chegou e começaram a procurar por ele em todos os blocos. Talvez estivesse mentindo, ele afirma, ou tivesse falhado, mas não encontraram ninguém. Foram colocadas as madeiras na porta e ninguém mais pôde entrar no quarto, mesmo assim os curiosos continuaram chegando.

Permeando essas histórias ordinárias, de pessoas comuns, que não estão contadas nos grandes livros de história ou literatura, Ilya Kabakov se aproxima do papel do narrador nas reflexões de Walter Benjamin, em seu texto *O narrador*, escrito em 1936. O autor declara que, ao contrário do romance, onde a memória se faz perpétua, consagrando um herói ou um combate, a narrativa se apresenta em breves memórias com fatos dispersos, como o são as narrativas de Kabakov. Para refletir sobre a narrativa, Benjamin elege o escritor russo Nikolai Leskov (1831-1895) que, segundo o

autor, escreveu uma série de narrativas lendárias “[...] cujo personagem central é o justo, raramente um asceta, em geral um homem simples e ativo, que se transforma em santo com a maior naturalidade. [...] Seu ideal é o homem que sabe se orientar no mundo, mas sem se perder demasiadamente nele.” (BENJAMIN, 2014, p. 216).

Leskov possui uma narrativa fluida, em que a leitura se parece com a palavra falada, como no texto *A fraude*, escrito em 1883, no qual o narrador, um bogatyr, narra o período em que serviu como militar em tropas que estavam em deslocamento pela Rússia e Ucrânia. Conta sobre os desejos pelas kukonas (mulheres) que teve ao longo das viagens e sobre como a tropa foi trapaceada e como ele se vingou, mas foi obrigado a deixar o regimento. Ele, já velho, encontra alguns jovens no trem e começa sua história. Esse conto pode remeter também ao narrador oral ao qual Walter Benjamin se refere, em seu texto *Experiência e pobreza*, no qual se pergunta quem é a figura do velho sábio e se a idade avançada traz consigo a garantia de uma experiência rica. Benjamin começa contando uma pequena história: um velho no momento de sua morte diz a seus filhos que existe um tesouro enterrado em seus vinhedos. Depois de muito procurarem pelo tesouro, os filhos se dão conta de que o tesouro do qual o pai lhes falava era o próprio vinhedo e que “[...] a felicidade não está no ouro, mas no trabalho.” (BENJAMIN, 1994, p. 114). Benjamin continua, afirmando que a experiência era dada como algo que se transmitia aos jovens. Quem hoje passa experiências de vida adiante? Quem é a figura do velho sábio? Há um desaparecimento dos provérbios e máximas que ajudavam o jovem a refletir sobre si e sobre a humanidade. Benjamin afirma que, hoje, a humanidade vive uma pobreza de experiência, como se a vida nos tempos atuais eliminasse toda essa experiência. O texto de Leskov nos faz lembrar essa figura do velho, que aparece como narrador de uma história e a passa adiante para os jovens. “Falava alto, de modo persuasivo e desenvolto, e assim ninguém nem pensava em fazer objeções ou contradizê-lo [...]” (LESKOV, 2012, p. 104).

Se, assim como afirma Benjamin, existe uma pobreza na experiência da narração oral, talvez agora a transmissão da experiência ocorra pelas imagens, pelas obras de arte, como se pode observar em *The man who flew into space from his apartment*, que, de forma teatral, utilizando o recurso da narrativa, conta uma história. Retomando o texto *O narrador*, também a narrativa, segundo Benjamin, não seria produto apenas de uma experiência pessoal: “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” (BENJAMIN, 2014, p. 217). Pode-se refletir,

então, sobre a instalação de Kabakov se passar num apartamento comunitário da União Soviética e, em algumas histórias, trazer a experiência pessoal, mas também a coletiva a respeito dos acontecimentos históricos, como em *The man who flew into space from his apartment*, que traz uma perspectiva individual de algo coletivo, como foi a corrida espacial.

Benjamin recorre muitas vezes em seu texto à diferença entre o romance e a narrativa e, em determinado momento, afirma que o romance se encerra em um sentido para a vida, convidando o leitor a refletir, enquanto a narrativa faz com que o leitor tenha curiosidade sobre o que veio depois. “Com efeito, não há nenhuma narrativa em que a pergunta – o que aconteceu depois? – não se justifique.” (BENJAMIN, 2014, p. 230). Como nas histórias que Kabakov conta em *Ten Characters*, ficamos sem saber se o homem que se ejetou conseguiu realmente chegar ao espaço, se ele não foi encontrado porque se juntou a uma pétala que o levou a orbitar sobre a Terra. Seu desaparecimento continua sendo um mistério.

2 O recurso da narrativa

Mais um dos personagens da instalação *Ten Characters* está em *The person who describes his life through characters* (A pessoa que descrevia sua vida através de personagens), que é um texto que acompanha a exposição, não ficando claro se havia um quarto para esse personagem ou se ele apenas faz parte da instalação de forma textual, sendo que, no catálogo da exposição, não existe nenhuma imagem que apresente esse retrato. Embora pareça o texto mais próximo do artista, ele é narrado em terceira pessoa. Nele, é contado que essa pessoa que descrevia sua vida através de personagens se via no espelho como um só, mas que em sua mente, eram muitos. Pensou em deixar que cada um deles contasse sua própria história, mas logo escutou o barulho de muitas vozes. “Com esta decisão, de repente senti uma cacofonia, que o agitou ininterruptamente desde o momento em que ele resolveu descrever sua vida, cresceu quieto.”⁴ (KABAKOV, 1989, p. 34). Depois de algum tempo, tudo voltou ao normal e cada voz esperava sua vez para falar.

Ele começou a trabalhar e acabou produzindo 10 álbuns com o título correspondente “10 Characters”. Cada álbum era feito com folhas de papel, sempre nas

⁴ “With this decision he suddenly felt the cacophony, which had agitated him uninterruptedly since the time he resolved to describe his life, grow quiet” (tradução nossa).

mesmas dimensões, que possuíam desenhos, documentos e textos de diferentes coisas feitos por seu autor. Os álbuns vinham em caixas que poderiam ser manuseadas pelo espectador, assim como o álbum *Ten Characters* de Kabakov, que originou a instalação. *The person who describes his life through characters* parece descrever o próprio trabalho de Kabakov, em um processo recursivo de *Ten Characters*, que começa com um álbum, depois é uma instalação e dentro da instalação há esse texto descrevendo a produção de um álbum de mesmo nome, embora o álbum de *The person who describes his life through characters* seja sobre nomes e histórias distintas das quais trata a instalação *Ten Characters*. Um recurso que pode, muitas vezes, confundir o espectador.

The person who describes his life through characters parece ser o recurso encontrado pelo artista para descrever seu trabalho, suas vozes, as invenções de tantos personagens e artistas distintos. Cada um dos dez personagens da instalação *Ten Characters* pode demonstrar uma personalidade, uma característica do artista. Benjamin (2014) já nos lembrava que narrar é também intercambiar experiências, de si e do outro, e que a experiência que passa de boca em boca é uma fonte a que recorrem os narradores. Assim como são os relatos dos vizinhos sobre o homem que se ejetou, ou mesmo essa terceira pessoa que conta sobre outra que se descrevia através de personagens. Benjamin (2014) caracteriza dois tipos de narrador: um é aquele que viaja, está em deslocamento, traz histórias de longe para contar, tipificado pelo autor como o marinheiro comerciante. O outro é o que fixa residência, com suas histórias e tradições, que seria o camponês sedentário. Ambos têm suas histórias para contar. Em Kabakov, as histórias se desenvolvem em local fixo, com o narrador tipificado por Benjamin como o camponês sedentário, pois não se precisa ir longe para narrar os fatos, eles estão muito próximos, no quarto ao lado.

Benjamin ainda vai escrever sobre a informação e a explicação. Seria a informação uma forma de ameaça à narrativa, pois a informação é carregada de explicação.

A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável à narrativa, e quase tudo beneficia a informação. Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações. (BENJAMIN, 2014, p. 219).

É necessário ser livre para interpretar a narrativa que hoje se encontra coberta de informação. Kabakov deixa suas narrativas com muitas perguntas. Quais eram esses dez álbuns que essa pessoa descreve? Por que ela precisa escrever sobre o outro para falar de si mesma? Para onde foi o homem que se ejetou? Quais eram suas maiores motivações? Qual o caráter psicológico desses personagens? E o que eles possuem em comum com o próprio artista? Essas e outras perguntas são suscitadas pela narrativa, deixando o espectador livre para interpretar a obra. Essa seria a diferença entre a narrativa e a informação. Enquanto a informação apenas tem valor enquanto é nova, a narrativa não se esgota, assim como a obra de arte.

Outro personagem que aparece em *Ten Characters é The untalented artist* (O artista sem talento), que é o que conta a história de um artista que fazia avisos pintados por encomenda. Ele se encontra próximo dos 50 anos, teve uma educação artística simples e se graduou em outro curso, o que fez com que não encontrasse tempo para ser um “verdadeiro artista”. Em seu trabalho com os avisos pintados, repudia as repetições patéticas e faz inserções de elementos de sua imaginação. Mas precisa antes pedir a autorização de seu chefe para saber se o anúncio está apto para ser colocado em uma árvore por dois dias. Kabakov ainda nos dá a informação, em pequenas sugestões, de que o artista sem talento foi uma criança rejeitada por seus pais, tios e parentes em geral e que, mesmo assim, a alegria e o sol rompem e existem no seu trabalho, apesar de que ambos os pais não lhe dedicaram “todo seu talento”.

Figura 4 – Ilya Kabakov. Ten Characters. The untalented artist. 1988. Instalação.



Fonte: KABAKOV, 1989, p. 64

No cômodo destinado a esse personagem estão três grandes telas, cada uma dividida em duas partes. Ao lado direito, o texto onde se encontram as informações descritas acima. Kabakov empresta seus trabalhos a esse artista supostamente sem talento, e cria, assim, mais um de seus personagens. Em entrevista à Yusuke Nakahara, publicada primeiramente em 1999⁵, Kabakov afirma que, quando foi trabalhar no Ocidente no final da década de 1980, todos estavam tentando mostrar sua identidade e que os artistas pareciam achar isso muito importante. Kabakov afirma que se encontrava nesse circuito usando uma variabilidade de diferentes estilos e que isso não era uma falta de identidade. Cada um de seus personagens trabalha com um estilo, e possui uma biografia característicos.

De onde esse método vem é bem claro: não vem das tradições da arte. Ele vem das tradições da literatura. Como um método no mundo da literatura, autores do passado criaram personagens em romances para colocar o que eles queriam dizer nas suas bocas. Mas no mundo da arte é extremamente raro.⁶ (KABAKOV, 2005, p. 136).

⁵ At the Nogoya Tokyu Hotel, 6 March 1999. Primeira publicação: Ilya Kabakov. Life and Creativity of Charles Rosenthal (1898-1933). Contemporary Art Center, Art Tower Mito, Mito 1999, vol. 2, p. 65-71.

⁶ “Where this method comes from is quite clear: it doesn’t come from the traditions of art; it comes from the traditions of literature. As a method in the world of literature, author from way back have conjured up

Kabakov (2005, p. 138) ainda afirma que o espaço da galeria e do museu é um espaço de ficção, um lugar para jogar dramas chamados “exposições” e que suas instalações possuem muitos elementos teatrais, contando sempre uma história. A narrativa, em seus trabalhos, implica uma percepção muito mais aproximada da literatura do que propriamente das artes visuais, na qual estão inseridas suas obras. Pseudônimos, alter egos, heterônimos são dispositivos utilizados com maior naturalidade na literatura do que nas artes visuais. O que para Kabakov parece não ser um problema, pois o artista criou uma infinidade de artistas e personagens ao longo de sua carreira, *Ten Characters* é apenas o começo. Robert Storr, em seu texto *Blinded by the Light*, vai afirmar que “As instalações de Kabakov são cheias de fantasmas. Às vezes, eles são conhecidos simplesmente como “o homem que ...”, seguido de uma descrição do que o homem em questão fazia.”⁷ (STORR, 2005, p. 142). Em suas instalações e histórias, mergulhamos nesse universo fictício de narrativas de pessoas ordinárias. Entramos em sua intimidade, conhecemos as particularidades desses fantasmas, dessas biografias inventadas.

Nascida como um ícone (ou objeto sagrado), a pintura amadureceu em estágios de afresco (narrativa panorâmica emoldurada pela arquitetura) e depois para a pintura Renascentista (uma janela portátil no mundo) apenas para render suas reivindicações sobre a percepção da realidade por causa de maior acesso à imaginação. [...] Despojada de suas funções miméticas, a pintura abdicou assim à instalação, que nas mãos capazes de Kabakov assumiu a tarefa de descrição e narração de histórias.⁸ (STORR, 2005, p. 144).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Obras Escolhidas v. 1. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 114-119.

characters in novels in order to put what they want to say in their mouths. But in the world of art it’s extremely rare.” (tradução nossa).

⁷ “Ilya Kabakov’s installations are full of ghosts. Sometimes they are known simply as “the man who...” followed by a description of what the particular man in question did.”

⁸ “Born as an icon (or sacred object), painting matured by stages into fresco (panoramic narrative framed by architecture) and then into the Renaissance picture (a portable window on the world) only to surrender its claims on perceived reality for the sake of greater access to the imagination. [...] Divested of its mimetic functions, painting thereby abdicated to installation, which in Kabakov’s capable hands has assumed the task of description and storytelling.” (tradução nossa).

_____. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Obras Escolhidas v. 1. 8. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2014.

GROYS, B. *Ilya Kabakov: The man who flew into space from his apartment*. Londres: Afterall Books, 2006.

KABAKOV, I. *Ten Characters*. Londres: ICA, Ronald Feldman Fine Arts Inc., 1989.

_____. Entrevista concedida a Kristine MecKenna. *Flights of freedom and imagination: Art: Ilya Kabakov Survived the 'fence of communism' in Russia to become a world-recognized figure*. Los Angeles, 25 Jul. 1995.

_____. Dialogue on C. Rosenthal. Entrevista a Yusuke Nakahara. In: KABAKOV, I.; KABAKOV, E. *An alternative History of Art Rosenthal Kabakov Spivak*. Museum of Contemporary Art Cleveland Kerber: Cleveland, 2005, p. 136-141.

_____. *Ten Characters*. Disponível em: <<https://fineartbiblio.com/artworks/ilya-kabakov/724/ten-characters>>. Acesso em: 17 jul 2018.

LESKOV, N. A fraude. In: _____. *A fraude e outras histórias*. Trad. Denise Sales. São Paulo: Editora 34, p. 101-145.

STORR, R. Blinded by the Light. In: KABAKOV, I.; KABAKOV, E. *An alternative History of Art Rosenthal Kabakov Spivak*. Museum of Contemporary Art Cleveland Kerber: Cleveland, 2005, p. 142-145.

Data de submissão: 19/01/2018

Data de aprovação: 01/03/2018